REVISTA CORDIS

TINTIM NO CONGO: AS DESVENTURAS DE HERGÉ NO PAÍS DOS CONGOLESES

TINTIN IN THE CONGO: HERGÉ'S MISADVENTURES IN THE LAND OF THE CONGOLESE

Francisco Carlos Ribeiro [1]

RESUMO: Este artigo analisa a história em quadrinhos *Tintim no Congo*, de Hergé, a partir de três eixos articulados: a legitimação política do colonialismo belga, a construção racista das personagens congolesas e a representação instrumental da natureza. Adota-se uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, com leitura crítica da narrativa e de seus elementos visuais, confrontados com estudos sobre Hergé, história colonial e representação. Argumenta-se que o álbum não apenas reproduz preconceitos isolados, mas organiza um mundo narrativo em que a autoridade, a racionalidade e a iniciativa pertencem ao europeu, enquanto africanos, animais e território são convertidos em objetos de tutela, comicidade, caça ou exploração. O contexto da Bélgica entre guerras e a inserção profissional de Hergé em um jornal católico conservador ajudam a explicar essa construção, porém não a tornam inevitável nem a isentam de crítica. As revisões editoriais posteriores atenuaram passagens específicas, sem eliminar a hierarquia colonial que estrutura a obra. Conclui-se que a permanência do álbum em circulação pode ter valor histórico e pedagógico desde que acompanhada de contextualização crítica, mediação docente e abertura a perspectivas congolesas e decoloniais.

PALAVRAS-CHAVE: Tintim no Congo; Hergé; colonialismo; racismo; natureza.

ABSTRACT: This article examines Hergé's comic book *Tintin in the Congo* through three interconnected axes: the political legitimation of Belgian colonialism, the racist construction of Congolese characters, and the instrumental representation of nature. It uses qualitative bibliographical and documentary research, combining a critical reading of narrative and visual elements with studies on Hergé, colonial history, and representation. The article argues that the album does more than reproduce isolated prejudices: it constructs a narrative world in which authority, reason, and initiative belong to the European, while Africans, animals, and territory become objects of tutelage, comedy, hunting, or exploitation. Belgium's interwar context and Hergé's work for a conservative Catholic newspaper help explain this construction but neither make it inevitable nor exempt it from criticism. Later revisions softened specific passages without removing the colonial hierarchy that structures the work. The album may remain historically and pedagogically relevant if accompanied by critical contextualization, educational mediation, and Congolese and decolonial perspectives.

[1] Doutorado em História (PUC-SP). Associação Brasileira de Historiadores Adventistas (Abrhad). Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (Nehsc-PUC). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6096-8553 E-mail: fcr.historiador@hotmail.com

KEYWORDS: Tintin in the Congo; Hergé; colonialism; racism; nature.

10.23925/2176-4174.38.2026e77908

Recebido em: 27/08/2026.
Aprovado em: 28/08/2026.
Publicado em: 29/08/2026.

Introdução

Publicada inicialmente em capítulos entre 1930 e 1931, a segunda aventura de Tintim transformou o Congo Belga em cenário de ação, humor e exotismo para o público juvenil europeu. O álbum apresenta um repórter branco que viaja à colônia, resolve conflitos, ensina, caça, cura e derrota criminosos, sendo recebido como autoridade por comunidades africanas. A simplicidade episódica da trama não reduz sua dimensão ideológica: justamente por parecer entretenimento inocente, a narrativa naturaliza relações de poder que, no mundo histórico, dependiam de conquista, coerção do trabalho, segregação e apropriação de recursos.

A pergunta que orienta este estudo é: de que modo *Tintim no Congo* articula colonialismo, racismo e domínio da natureza em sua forma narrativa e visual? A hipótese é que esses três aspectos integram uma mesma gramática de superioridade. O europeu ocupa o lugar de sujeito ativo e conhecedor; os congoleses são infantilizados e homogeneizados; a fauna e o território aparecem como reservas disponíveis ao uso, ao espetáculo e ao lucro. Assim, a violência contra pessoas e contra animais não constitui dois problemas separados, mas deriva de uma ordenação hierárquica que converte diferenças em graus de valor.

O objetivo geral é analisar criticamente essas representações. Como objetivos específicos, pretende-se: situar a produção do álbum no contexto do colonialismo belga; apresentar elementos biográficos de Hergé relevantes para a obra; identificar estratégias políticas e raciais do enredo; examinar cenas de caça e exploração ambiental; e discutir as possibilidades de leitura contemporânea. A relevância do tema está na ampla circulação cultural de Tintim e no desafio educacional de lidar com obras canônicas que combinam inovação artística e conteúdos discriminatórios.

Figura 1 – As várias edições de Tintim no Congo entre 1931-1970.



Fonte: Fonte: Hergé (1946), reprodução disponibilizada por Tintinimaginatio (s. d.).

Trata-se de pesquisa qualitativa, exploratória, bibliográfica e documental. O corpus primário é o álbum *Tintim no Congo*, considerando sua primeira versão em preto e branco, de 1930-1931, e a versão colorida e redesenhada de 1946. A análise de conteúdo observa a distribuição da agência entre personagens, a caracterização verbal e gráfica, a função do humor, as relações entre missão civilizadora e economia colonial, e o tratamento dos animais. A leitura é apoiada por biografias críticas de Hergé e por estudos sobre quadrinhos, colonialismo e representação.

O procedimento não busca inferir intenções psicológicas a partir de cada quadro. Distingue-se a intenção do autor do efeito cultural da obra: um estereótipo pode reforçar hierarquias mesmo quando apresentado como humor ou reproduzido sem hostilidade consciente. Também se evita o anacronismo simplificador. O álbum é

situado em seu tempo, mas a contextualização funciona como explicação histórica, não como suspensão do juízo crítico. A existência, no período, de denúncias da exploração colonial mostra que a ideologia dominante era disputada e não constituía a única visão disponível.

1. Hergé: trajetória biográfica e formação intelectual

Hergé era o pseudônimo de Georges Prosper Remi, nascido em 22 de maio de 1907, em Etterbeek, na região de Bruxelas, e falecido em 3 de março de 1983. O nome artístico resulta da pronúncia francesa das iniciais invertidas de seu nome, R. G. Sua formação juvenil foi marcada pelo escotismo católico, ambiente no qual publicou desenhos e desenvolveu valores de disciplina, lealdade, aventura e serviço. Esses elementos contribuíram para a construção do herói Tintim, cuja disponibilidade para agir, viajar e corrigir injustiças se aproxima do ideal escoteiro (Assouline, 2009).

Em 1925, Remi ingressou no Le Vingtième Siècle, diário católico e nacionalista de Bruxelas. Após o serviço militar, passou a trabalhar sob a direção do abade Norbert Wallez (1882-1952), figura autoritária e politicamente situada na direita radical belga. Em 1928, Hergé assumiu o suplemento juvenil Le Petit Vingtième e, em 10 de janeiro de 1929, iniciou as aventuras de Tintim. Os primeiros álbuns estavam diretamente ligados às orientações editoriais do jornal: *Tintim no país dos sovietes* promovia uma mensagem anticomunista; *Tintim no Congo*, o imaginário colonial; e *Tintim na América*, uma crítica conservadora a aspectos da modernidade norte-americana (Peeters, 2012).

Quando produziu a aventura congolesa, Hergé tinha pouco mais de vinte anos, nunca visitara o Congo e pesquisara de maneira limitada. Recorreu a relatos missionários, narrativas de colonos, imaginários de caça e coleções do museu colonial de Tervuren. O resultado foi menos uma observação da sociedade congolesa do que a projeção de expectativas belgas sobre ela. Anos depois, o autor reconheceu o caráter paternalista do álbum e atribuiu-o ao ambiente em que fora educado. Esse reconhecimento é relevante, mas não encerra a análise: como observa Assouline (2009), havia na Europa reportagens críticas ao colonialismo que poderiam ter tensionado tal visão.

Em 5 de junho de 1930, os leitores de *Le Petit Vingtième* foram informados de que Tintim e Milu, recém-chegados da União Soviética, estavam prestes a viajar para

o Congo Belga. O anúncio havia sido feito na revista e as ilustrações mostravam Tintim escolhendo o que levaria consigo na seção "Congo" da loja de departamentos *Bon Marché* . Ainda assim, a intenção de Hergé era enviar o pequeno repórter aos Estados Unidos. Após sua crítica "reportagem" sobre a Rússia socialista, ele queria expor as falhas do capitalismo americano e visitar os nativos americanos.

Figura 2 – Anúncio no Le Petit Vingtieme.



Fonte: Hergé (1946), reprodução disponibilizada por Tintinimaginatio (s. d.).

A trajetória posterior revela mudanças em sua produção quadrinhesca. O encontro de Hergé com o artista chinês Zhang Chongren (1907-1998), em 1934, levou-o a pesquisar mais cuidadosamente a cultura e a política chinesas para *O lótus azul*. A série adquiriu maior complexidade narrativa, e o autor se afastou de algumas certezas de juventude. Essa evolução impede uma leitura que congele toda a obra no

racismo do segundo álbum, mas também evidencia que *Tintim no Congo* pertence a uma fase em que convicções políticas e pesquisa insuficiente se reforçaram mutuamente.

2. Contexto histórico da publicação

A colonização belga do Congo teve origem no Estado Livre do Congo, domínio pessoal do rei Leopoldo II entre 1885 e 1908, marcado por extração violenta de borracha e marfim, trabalho compulsório, punições e mortalidade em grande escala. Diante da denúncia internacional, o Estado belga anexou o território em 1908. A mudança administrativa limitou alguns abusos mais notórios, porém preservou a desigualdade política e a economia voltada a interesses metropolitanos. Os congoleses não possuíam cidadania equivalente à dos belgas e eram submetidos a formas de coerção laboral, tributação e disciplina colonial (Vanthemsche, 2012).

Na década de 1930, a administração apresentava o Congo como uma colônia-modelo, sustentada por uma tríade formada pelo Estado, por empresas e por missões cristãs. Obras de infraestrutura, escolarização elementar e assistência médica eram usadas como provas de benevolência, embora servissem também à organização do trabalho, à evangelização e à estabilidade do domínio. A ideologia da missão civilizadora definia os africanos como povos em estágio infantil de desenvolvimento e reservava aos europeus a tutela política. Esse paternalismo não era uma alternativa ao racismo: era uma de suas formas institucionais, pois transformava desigualdade histórica em suposta inferioridade cultural.

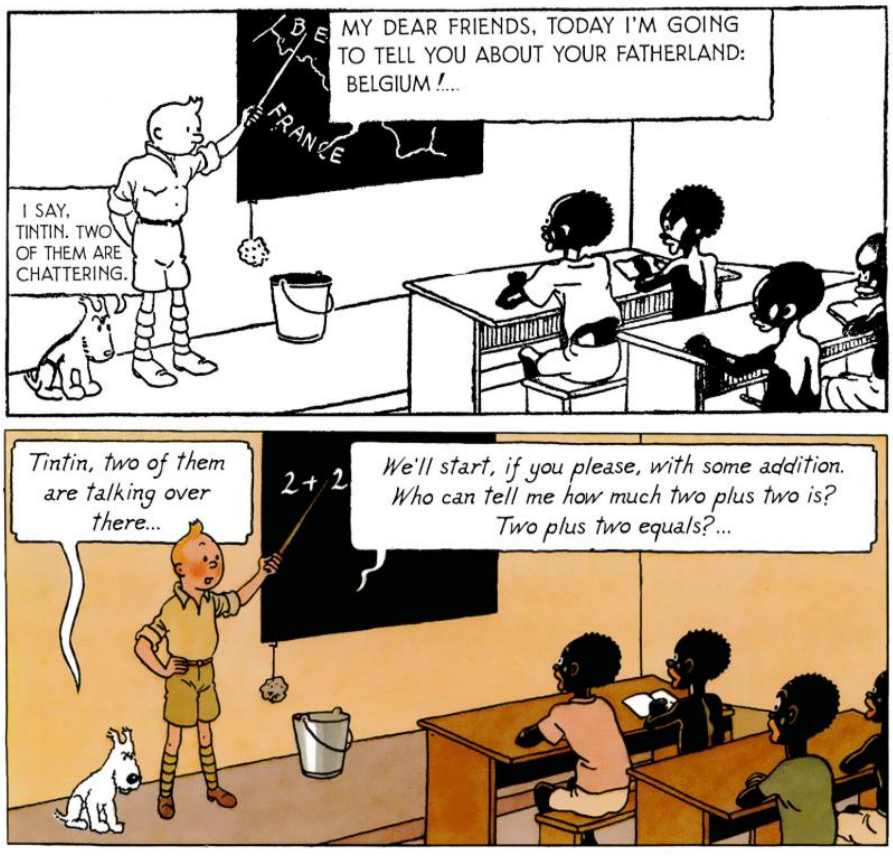
O momento de publicação também coincidiu com o centenário da independência belga, celebrado em 1930, e com campanhas de valorização do império. Para crianças metropolitanas, a colônia podia ser apresentada como extensão natural da nação e campo de oportunidades. Ao enviar seu herói mais popular ao Congo, o suplemento juvenil ajudava a produzir consentimento afetivo: a presença belga aparecia como aventura útil, generosa e inevitável, não como ocupação contestada. Nesse sentido, a HQ participa de uma pedagogia imperial que converte relações econômicas e militares em encontros pitorescos.

3. A dimensão política da narrativa

A política de *Tintim no Congo* raramente surge em discursos abstratos; ela é incorporada à distribuição das competências. Tintim dirige veículos, utiliza armas e tecnologias, diagnostica problemas, organiza o trabalho e decide o que é verdadeiro. As personagens congolesas, em contraste, são frequentemente colocadas na posição de plateia, auxiliares, pacientes ou alunos. A autoridade do protagonista não depende de mandato nem de conhecimento local: sua condição europeia parece bastar para legitimar intervenções. Essa assimetria produz a fantasia de uma soberania colonial sem conflito.

A cena escolar, especialmente explícita na primeira versão, condensa essa função. Tintim apresenta a Bélgica como pátria dos alunos congoleses, apagando identidades e histórias locais. Na versão de 1946, a lição patriótica foi substituída por uma aula de matemática, mudança que reduz a propaganda direta, mas conserva o europeu como professor e os africanos como aprendizes infantilizados. A revisão demonstra que elementos podem ser suavizados sem que a arquitetura do poder seja alterada.

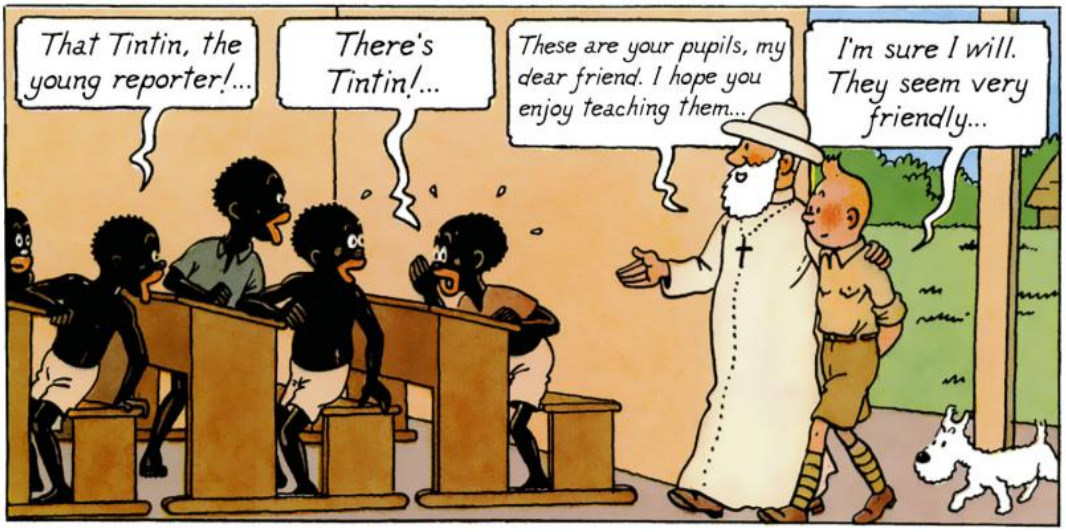
Figura 3 - Tintim como professor no Congo. Versão 1931 e versão 1946.



Fonte: Hergé, reprodução disponibilizada por Tintinimaginatio (s. d.).

A trama dos diamantes acrescenta uma economia política aparentemente contraditória. O antagonista procura controlar a riqueza mineral por meios criminosos, mas Tintim consegue derrotá-lo. Contudo, a narrativa condena apenas a apropriação clandestina, não o regime colonial que transforma o território em fonte de matérias-primas. A exploração legal europeia permanece fora de quadro e, por isso, parece neutra. A aventura separa o mau explorador individual da boa ordem colonial, desviando a atenção das estruturas que organizavam a extração.

Figura 4 – A presença de missionários no Congo.



Fonte: Fonte: Hergé (1946), reprodução disponibilizada por Tintinimaginatio (s. d.).

A presença de missionários também transforma evangelização em benefício evidente e indiscutível. A missão aparece como polo de ordem, saúde e educação, enquanto práticas espirituais africanas são reduzidas à superstição ou fraude. Ao desautorizar o feiticeiro local e ocupar simbolicamente seu lugar, Tintim reúne ciência, técnica e autoridade moral. A oposição entre racionalidade europeia e irracionalidade africana legitima a substituição de saberes locais por instituições coloniais.

4. Racismo, estereótipo e infantilização

O racismo do álbum opera tanto na imagem quanto na linguagem. As personagens congolesas são desenhadas com traços caricaturais repetitivos, lábios exagerados e pouca diferenciação individual, enquanto Tintim possui identidade estável, expressividade e competência singular. A repetição visual produz uma massa tipificada em oposição ao indivíduo europeu. Segundo McKinney (2008), os

quadrinhos coloniais participam da fabricação de tipos raciais ao combinar economia gráfica, humor e hierarquias políticas.

Na caracterização narrativa, os congoleses aparecem como ingênuos, preguiçosos, medrosos, desajeitados ou facilmente impressionáveis. Sua fala, em várias traduções e edições, é representada por uma sintaxe simplificada, recurso que atribui a adultos uma voz infantil. O problema não reside em uma personagem isolada ter um defeito, mas na regularidade com que incapacidade e comicidade são associadas ao grupo racializado. Tintim, por sua vez, domina a técnica, a medicina e a estratégia, convertendo-se em medida universal de humanidade adulta.

Figura 5 - Caricatura racial e superioridade técnica do protagonista.



Fonte: Hergé (1946), reprodução em iDNES.cz (2012).

A infantilização cumpre uma função política precisa: se o colonizado é apresentado como uma criança, a dominação pode ser narrada como cuidado. A tutela substitui o reconhecimento de igualdade; obediência e gratidão tornam-se respostas esperadas. Essa lógica aproxima o álbum do discurso colonial segundo o qual a Bélgica deveria governar até que os congoleses estivessem preparados para a autonomia. A independência deixa de ser um direito e passa a depender da avaliação do próprio colonizador.

É insuficiente afirmar que o livro apenas reflete sua época. Toda obra é histórica, mas nenhuma época possui uma única consciência. Críticos do imperialismo, jornalistas e movimentos africanos já denunciavam violência e exploração. Além disso, dizer que Hergé não pretendia ofender não elimina os efeitos do repertório que mobilizou. A análise ética deve reconhecer simultaneamente três níveis: a formação individual do autor, as instituições que encomendaram e difundiram a narrativa e a capacidade do texto de continuar produzindo sentidos em novos públicos.

Também é necessário evitar uma conclusão biográfica totalizante. Hergé modificou métodos de pesquisa e apresentou posições antirracistas em trabalhos posteriores, sobretudo ao criticar a agressão japonesa contra a China em *O lótus azul*. Ainda assim, a evolução do autor não reescreve retroativamente o álbum congolês. Ela serve, antes, para mostrar que repertórios podem ser revistos quando o criador encontra interlocutores capazes de romper o isolamento cultural.

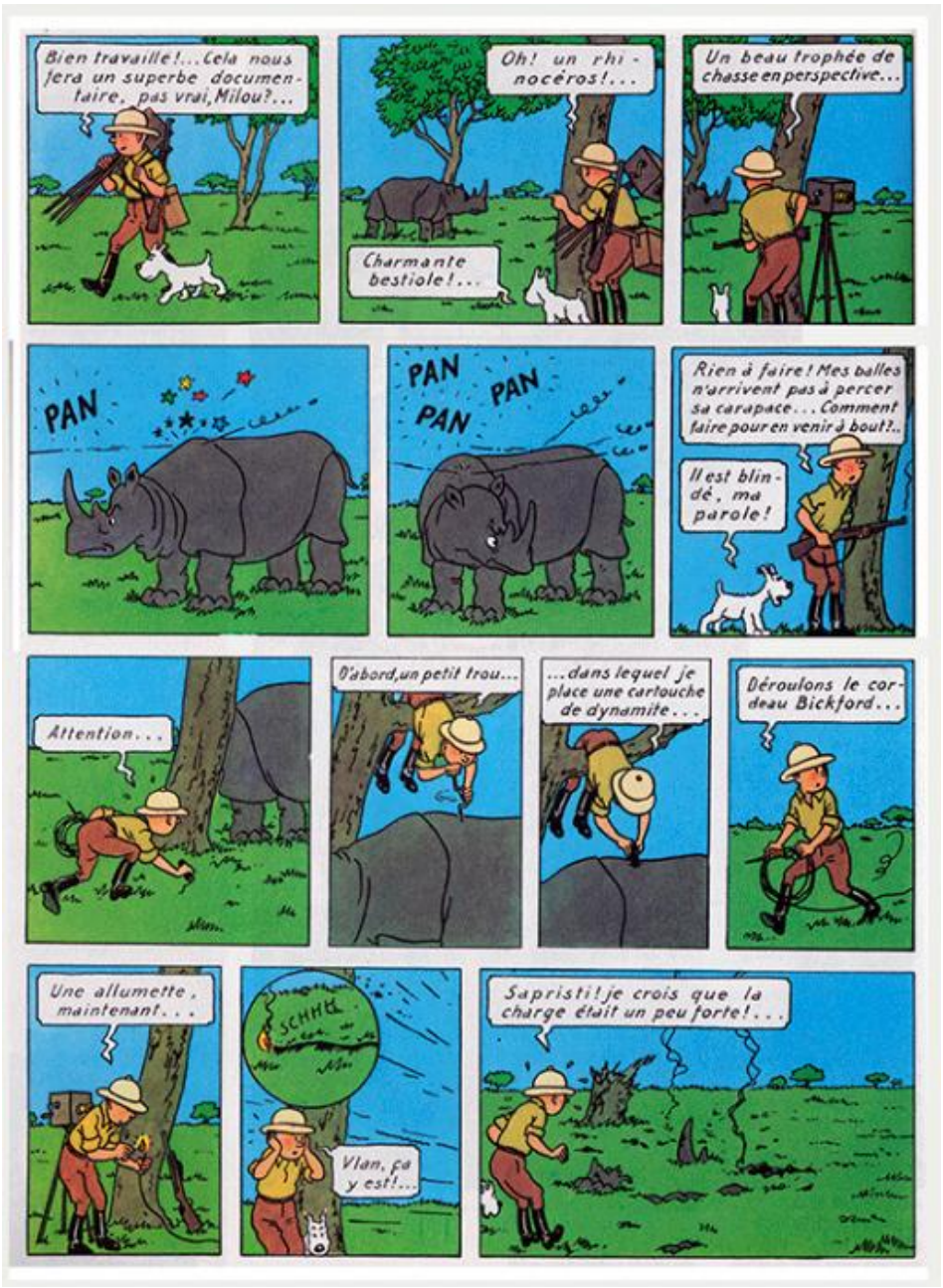
5. A natureza como recurso e espetáculo

A mesma estrutura hierárquica que organiza a relação entre europeu e africano alcança os animais. Ao longo da aventura, a fauna é tratada como obstáculo, alvo, disfarce, troféu ou fonte de matéria-prima. Tintim atira repetidamente contra antílopes, mata um macaco para utilizar sua pele, enfrenta um crocodilo, mata um elefante por causa do marfim e, na versão original, explode um rinoceronte com dinamite. O excesso é frequentemente construído como gag: a morte perde gravidade e passa a confirmar a engenhosidade ou a sorte do herói (Farr, 2001; Goddin, 2008).

Essas cenas dialogam com a cultura europeia dos safáris e da caça de grande porte. A colônia era imaginada como espaço fora das restrições ordinárias, disponível

para prova de masculinidade, coleção científica e consumo de espécies exóticas. O animal existe em função da aventura humana, e o ambiente surge como cenário inesgotável. Não há interesse por equilíbrio ecológico, sofrimento ou limites de extração. Mesmo quando a natureza ameaça o protagonista, a resposta é domínio técnico, não convivência.

Figura 6 - A caça ao rinoceronte convertida em gag visual.



Fonte: Hergé (1946), reprodução em Corso (2017).

O episódio do elefante articula diretamente violência animal e economia colonial: o marfim converte vida em mercadoria. Do mesmo modo, a disputa pelos diamantes apresenta o subsolo como estoque de valor à espera de controle. Animais e minerais ocupam posições paralelas em uma imaginação extrativista. A paisagem não é lar de sociedades complexas nem rede de relações ecológicas; é inventário de oportunidades para o visitante europeu.

A versão posteriormente adaptada para certos mercados substituiu a explosão do rinoceronte por um disparo acidental que faz o animal fugir. A alteração indica mudança de sensibilidade quanto à crueldade, porém cenas restantes preservam o antropocentrismo. A crítica ambiental contemporânea não deve cobrar do álbum conceitos científicos que ainda não circulavam como hoje, mas pode identificar a tradição cultural que separa humanidade e natureza e que associa soberania ao poder de matar, extrair e classificar.

6. Colonialismo, racismo e degradação ambiental

Os três eixos não se somam externamente; reforçam-se. O colonialismo fornece a estrutura política que autoriza a presença e a intervenção europeias. O racismo oferece a justificativa antropológica, representando os habitantes como incapazes de autogoverno. O antropocentrismo extrativista disponibiliza animais, marfim, diamantes e território. Em conjunto, essas operações constroem o Congo como espaço sem soberania plena: seus povos não decidem, seus saberes não explicam e sua natureza não impõe limites.

A comicidade tem papel central nessa integração. O riso transforma assimetrias em evidências leves e repetíveis. O leitor é convidado a compartilhar o ponto de vista de Tintim e a experimentar como são absurdas as falhas dos africanos, não a ocupação colonial. Também ri da destruição animal, não do privilégio de quem pode viajar armado e apropriar-se do ambiente. O humor, portanto, não é politicamente vazio; seleciona aquilo que pode ser percebido como normal e aquilo que merece ridículo.

Uma leitura decolonial desloca o centro da pergunta. Em vez de indagar apenas se Hergé era pessoalmente racista, examina-se quem recebe voz, interioridade, conhecimento e direito de nomear. Esse deslocamento revela ausências: não há perspectiva congolesa sustentada, conflito histórico sobre a ocupação, diversidade

étnica e linguística, nem relação local com a fauna e a terra. O Congo é produzido como objeto do olhar europeu, processo próximo ao que Said (1978) descreveu para outras geografias colonizadas: representação e poder tornam-se mutuamente constitutivos.

7. Circulação contemporânea e mediação pedagógica

As controvérsias contemporâneas envolvem pedidos de proibição, classificação etária, prefácios explicativos e transferência do álbum para seções destinadas a adultos. Entre retirar silenciosamente e oferecer sem contexto existe um campo amplo de mediação. A manutenção da obra pode favorecer o estudo da propaganda, do racismo e da história dos quadrinhos, mas a simples disponibilidade para crianças, apresentada como aventura equivalente às demais, corre o risco de atualizar estereótipos.

Uma abordagem pedagógica responsável deve informar a data e as condições de produção; comparar as versões de 1931 e 1946; relacionar cenas ao sistema colonial; identificar escolhas de desenho e linguagem; e incluir autores, historiadores e artistas congoleses. Também é útil comparar o álbum a trabalhos posteriores de Hergé para discutir mudança intelectual sem construir uma narrativa automática de redenção. O objetivo não é ensinar o leitor a admirar ou rejeitar de forma prescrita, e sim fornecer instrumentos para reconhecer como a forma estética organiza posições de poder.

Paratextos críticos devem ser claros ao nomear racismo e violência, evitando tanto a censura invisível quanto prefácios defensivos que atribuem todo o problema ao passado. A contextualização eficaz não protege a reputação do autor; protege a capacidade do leitor de compreender a obra. Para públicos infantis, a mediação precisa ser proporcional à idade e incluir perguntas sobre o ponto de vista das personagens congolesas e sobre alternativas à caça e à exploração.

Considerações finais

Tintim no Congo é um documento cultural expressivo do colonialismo belga entre guerras. Sua política está inscrita na autoridade automática do herói europeu, na legitimação de missões e escolas, no silenciamento da coerção colonial e na naturalização da exploração econômica. Seu racismo manifesta-se pela caricatura,

pela homogeneização e pela infantilização dos congoleses. O desrespeito à natureza aparece na caça excessiva, na transformação de animais em objetos cômicos ou mercadorias e na visão do território como reserva de recursos.

A biografia de Hergé e o ambiente do Le Vingtième Siècle explicam a proximidade do jovem autor com o nacionalismo católico e a propaganda colonial. Contudo, explicar não significa inocentar. Havia críticas contemporâneas ao império, e a própria evolução posterior de Hergé demonstra que outras escolhas eram possíveis. As revisões de 1946 e de edições posteriores removeram ou alteraram passagens, mas não desfizeram a estrutura paternalista do enredo.

A contribuição crítica mais produtiva consiste em manter juntas forma, história e ética. O álbum não precisa ser reduzido a prova da intenção pessoal de seu criador, nem isolado como relíquia sem efeitos atuais. Lido com mediação, pode mostrar como imagens atraentes e humorísticas participam da construção de hierarquias e como colonialismo, racismo e exploração ambiental compartilham uma lógica de domínio. Tal leitura transforma uma obra problemática em objeto de investigação histórica, estética e política, sem normalizar seus pressupostos.

Referências

ASSOULINE, Pierre. **Hergé**: the man who created Tintin. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CORSO, Henri. **Le rhinocéros et Tintin**. [S. l.], 16 out. 2017. Disponível em: https://henricorso.blogspot.com/2017/10/tintin-et-le-rhinoceros.html. Acesso em: 13/08/2026.

FARR, Michael. **Tintin**: the complete companion. London: John Murray, 2001.

GODDIN, Philippe. **Hergé**: lignes de vie. Brussels: Moulinsart, 2008.

HERGÉ. **Tintim no Congo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

IDNES.CZ. **Švédské knihovny nepůjčují komiks o Tintinovi. Prý je rasistický**. Prague, 5 out. 2012. Disponível em: https://www.idnes.cz/kultura/literatura/ve-svedsku-narkli-tintina-z-rasismu.A121005_103216_literatura_ob. Acesso em: 13/08/2026.

MCKINNEY, Mark. **The colonial heritage of French comics**. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.

PEETERS, Benoît. **Hergé, son of Tintin**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TINTINIMAGINATIO. **Tintin in the Congo**. Brussels, [s. d.]. Disponível em: https://www.tintin.com/en/albums/tintin-in-the-congo. Acesso em: 13/08/2026.

VANTHEMSCHE, Guy. **Belgium and the Congo**: 1885-1980. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.